



## **A DIMENSÃO AGROECOLÓGICA DO SEMINÁRIO DAS MULHERES DO CAMPO, DAS ÁGUAS, FLORESTAS E CIDADES**

Aline Cristina Mello Til<sup>1</sup>  
Graziela Rinaldi da Rosa<sup>2</sup>  
Luana Bunde<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste trabalho iremos compartilhar a dimensão agroecológica que contribuiu para a construção do 4º Seminário das Mulheres. Iremos falar de mulheres e agroecologia, Ecofeminismo, e Educação Popular numa perspectiva feminista. Nesse sentido, buscamos estabelecer diálogos com as mulheres do campo, das águas, florestas e cidades, em nossas práticas educativas e comunitárias, numa perspectiva popular. Somos mulheres em movimento, feministas, que marcham e acreditam em tempos melhores para *nosotras*. Somos latino-americanas, que atuam na Educação popular numa perspectiva agroecológica, e a partir das epistemologias do Sul, inspiradas nas pedagogias feministas (Ochoa, 2008); Sardenberg (2011), na educação popular feminista (Korol, 2007); Nadeau (1996) e nos feminismos latino-americanos, como os de Lagarde (1994, 2005, 2018); Lugones (2008, 2014); Gargallo (2004); Saffiotti (2004), Amorós (1991), entre outras.

**Palavras-chave:** Pedagogia Feminista; Mulheres de povos tradicionais; Educação popular;

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Bacharelado em Agroecologia na instituição Universidade Federal do Rio Grande/FURG-Campus São Lourenço do Sul. Email: [alicristinamellotil@gmail.com](mailto:alicristinamellotil@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora adjunta do Instituto de Educação (Universidade Federal do Rio Grande/FURG). Graduada em Filosofia e Geografia. Especialista em metodologia do ensino; Mestre e Doutora em Educação. Tem realizado estudos e pesquisas sobre Mulheres na Filosofia; Mulheres na Educação; Mulheres nas fontes pedagógicas e filosóficas; Epistemologias Feministas da América Latina. Educadora Popular Feminista e Promotora Legal Popular. Integrante do Núcleo de Estudos de Gênero/D'Gênerus-UFPEL e Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola/GESE-FURG. E-mail: [grazirinaldi@gmail.com](mailto:grazirinaldi@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Rio Grande. Voluntária do Coletivo Feminista Dandaras/FURG. E-mail: [bundeluana@gmail.com](mailto:bundeluana@gmail.com).

**Abstract:** In this paper we will share the agroecological dimension that contributed for the construction of the 4th Women's Seminar. We will talk about women and agroecology, ecofeminism, and popular education from a feminist perspective. In this sense, we seek to establish dialogues with the women of the countryside, waters, forests and cities, in our educational and community practices, from a popular perspective. We are women on the move, feminists, who march and believe in better times for us. We are Latin Americans who work on popular education from an agroecological perspective, and from the southern epistemologies, inspired by feminist pedagogies (Ochoa, 2008); Sardenberg (2011), feminist popular education (Korol, 2007); Nadeau (1996) and Latin American feminisms, such as those of Lagarde (1994, 2005, 2018); Lugones (2008, 2014); Gargallo (2004); Saffiotti (2004), among others.

**Keywords:** Feminism Pedagogy. Traditional Peoples Women. Popular Education.

## MULHERES E AGROECOLOGIA: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA

Você conhece o mundo em que vive? Sabe o que acontece quando o modificam, o exploram, o utilizam? É um mundo perfeito, delicado, onde cada fator está sempre exatamente sintonizado com os outros formando um conjunto fascinante, muito mais perfeito que qualquer coisa ou mecanismo, que somos capazes de fazer. E o mais fascinante é que tanto faz onde começamos a pesquisar, na biologia, na termodinâmica, na astrofísica, na física nuclear, na química ou na religião, sempre chegaremos a idêntico resultado e à mesmíssima conclusão: à Energia Oriental. Porque tudo são ciclos interligados e cada fator constitui somente uma parte de um ciclo que, em seu conjunto, forma o inteiro, o cosmos.<sup>4</sup>

As palavras da Ana Maria Primavesi, pesquisadora da área da agroecologia e agricultura orgânica nos remetem ao pensamento das mulheres, que pensam e criam teorias em diferentes áreas do conhecimento. Desta maneira, valorizamos os saberes, fazeres e o *ser mulher* na agroecologia e na Educação do Campo. Reconhecemos que nós mulheres, temos saberes diferenciados, que são baseados nas relações que estabelecemos com nossos corpos, com o/a outro/a e com o mundo.

Ana Maria Primavesi, que é uma importante pesquisadora na área da agroecologia, da agricultura orgânica e do manejo sustentável do solo. Iniciamos nossos diálogos com seu pensamento, pois trabalhamos numa perspectiva agroecológica e feminista, e nesse sentido, lemos, dialogamos, estudamos e pesquisamos os saberes e fazeres de mulheres, especialmente

<sup>4</sup> PRIMAVESI, Ana Maria. A convenção dos Ventos. **Agroecologia em Contos**. Expressão Popular: São Paulo, 2016.

de mulheres de povos tradicionais, pois no município que está localizado o campus da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, no qual estamos vinculadas há a presença de dez povos tradicionais, e nesses encontramos a presença significativa de mulheres da cadeia produtiva da pesca, agricultoras familiares, benzedadeiras, mulheres de povos de terreiro, pecuaristas, ciganas, pomeranas, quilombolas, ribeirinhas, indígenas.

São Lourenço do Sul, na costa sudoeste da Lagoa dos Patos, é uma cidade com a população predominantemente rural, e com um grande potencial turístico, onde há essas diversas comunidades tradicionais. Nesse contexto, uma universidade voltada à construção de um novo paradigma de ciência, como o Campus FURG-SLS, com cursos de Bacharelado em Agroecologia, Tecnólogo em Gestão Ambiental, Tecnólogo em Gestão de Cooperativas, e Licenciatura em Educação do Campo, é um lugar fundamental para valorizar e compartilhar esses conhecimentos tradicionais, principalmente para construção do conhecimento agroecológico.

O curso de Bacharelado em Agroecologia do Campus FURG-SLS, com duração de cinco anos, forma os alunos para atuarem junto aos (as) agricultores (as), e as comunidades tradicionais, através da assistência técnica, em comunidades, associações, cooperativas, escolas técnicas, e órgãos governamentais. Para os estudantes do curso é fundamental, realizar uma extensão rural, que seja inclusiva, que respeite os saberes tradicionais, e que veja a extensão como um ato de comunicação com o agricultor, assim como sugere o pensador Paulo Freire, em seu livro *Extensão ou Comunicação?*<sup>5</sup>.

O campus FURG-SLS, conta ainda com o curso de Licenciatura em Educação do Campo, que pretende contemplar a diversidade encontrada no campo, com o objetivo de formar educadores e educadoras para contribuírem na inserção das especificidades, saberes e fazeres culturais do campo no currículo escolar. Desta forma a Educação do Campo se difere da educação rural, pois “é um conceito configurado a partir da ação de movimentos sociais do campo destacando os aspectos da identidade e da cultura”<sup>6</sup>. Além disso, admite lutas sociais do campo, como pela Reforma Agrária, permanência de

---

<sup>5</sup> FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>6</sup> SOUSA, Maria Antônia de. **Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST.** 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

jovens no campo, pela autonomia das mulheres, pela agroecologia e uso sustentável dos recursos naturais, bem como ouvir e dar voz aos/as sujeitos e sujeitas do campo e de povos tradicionais. Como forma de fortalecer os objetivos do curso o regime de alternância possibilita articular teoria e prática em tempos que se alternam entre universidade e comunidade e além disso, promove a inserção dos povos do campo na universidade, sem se desvincular do seu meio familiar e cultural.

Tais cursos foram construídos com suas bases nos movimentos sociais, especialmente a partir das epistemologias dos movimentos sociais do campo. Korol<sup>7</sup> quando nos esclarece as características da pedagogias feministas, deixa claro que a prioridade é o trabalho nos movimentos populares:

[...] es central la consideración de que son los movimientos populares los sujetos de la transformación histórica. Son las fuerzas organizadas del pueblo, es el poder popular, donde se acumulan las transformaciones culturales que permiten desafiar la cultura enajenante de la dominación capitalista y patriarcal [...]. Los cambios que queremos construir, el “nuevo mundo posible”, el socialismo feminista, popular, anti-imperialista, o como llamemos a nuestros proyectos políticos, tienen hoy la posibilidad de crecer y de imaginarse precisamente en los espacios de acción colectiva, en los que se reinventa la militancia.<sup>8</sup>

Para trabalharmos com a questão de gênero na agroecologia, nos remetemos ao trabalho da Emma Siliprandi<sup>9</sup>, que em seu livro, *Mulheres e Agroecologia: Transformando o campo, as florestas e as pessoas*, que fez uma síntese de sua tese de doutorado, assim como o fez no documentário, *As Sementes*, com a finalidade de divulgar seu trabalho para além da universidade enquanto instituição.

Ao apresentar estado da arte do movimento agroecológico, Emma destaca que a maior novidade trazida pela agroecologia foi o protagonismo das comunidades tradicionais e das agricultoras e agricultores, que estão construindo um novo desenvolvimento rural. O seu trabalho retrata essas mulheres do campo, que são responsáveis pela manutenção da biodiversidade

<sup>7</sup> KOROL, Claudia (org<sup>a</sup>). **Hacia una pedagogia feminista. Géneros y educación popular.** Colección cuadernos de Educación Popular. Editorial El Colectivo/América Libre: Buenos Aires, 2007.

<sup>8</sup> KOROL, 2007.

<sup>9</sup> SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

em seus núcleos familiares e sociais, através de técnicas sustentáveis, são também atuantes dos movimentos sociais, e por isso protagonistas do movimento agroecológico.<sup>10</sup>

E através desse pensamento, buscamos perceber essa dimensão agroecológica dentro do Seminário das Mulheres, onde podemos perceber essas mulheres como protagonistas dessa nova ética ecofeminista, onde atuam como guardiãs das sementes, dos conhecimentos, das práticas tradicionais, e que também estão atuando nos movimentos sociais, sindicatos, escolas, a fim de formar e conscientizar as novas gerações.

### “SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA”

[...] el feminismo es una filosofía, una ética, un pensamiento científico, pero además de ser una concepción del mundo y de la vida, refiere a actuaciones, experiencias e iniciativas encaminadas al cambio social, político, cultural y epistemológico de las relaciones de género. Es un movimiento social y político, una cultura, una práctica en torno a la libertad, a la igualdad, a la autonomía, a la democracia, a los derechos humanos, transformadora de las personas y de la sociedad en todas sus dimensiones, cuya finalidad es abolir la organización social patriarcal y proponer nuevas formas y valores organizativos centrados en la libertad y equivalencia humanas.<sup>11</sup>

Luz Maceira Ochoa nos provoca a pensarmos numa ética feminista, da mesma maneira que a filósofa Graciela Hierro<sup>12</sup> nos ensinou. A ética feminista diz respeito a estabelecermos pactos. Como explicou Lagarde<sup>13</sup>, os homens sabem fazer pactos desde o princípio das civilizações, e nós mulheres não fomos educadas para estabelecermos acordos entre nós, e pactos, que nos auxiliem a superar as opressões e violências que vivenciamos. Nesse sentido, o sistema patriarcal só será superado se olharmos umas para as outras e nos fortalecermos juntamente. Nesse sentido, acreditamos que os Seminários que

<sup>10</sup> SILIPRANDI, 2015.

<sup>11</sup> OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí**. Pedagogía feminista: una propuesta. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos; Programa Interdisciplinario de estudios de La Mujer, 2008.

<sup>12</sup> HIERRO, Graciela. Ética e Feminismo. In: **Textos universitarios**. Universidad Autónoma de México: México, 1990.

<sup>13</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: De madresposas, monjas, presas, putas y locas**. México: UNAM, 2005.

organizamos são espaços para estabelecermos esses pactos, e nos fortalecemos.

Outras mulheres do campo da agroecologia também tem nos inspirado a realizar práticas que envolvam as mulheres de povos tradicionais, em rodas de diálogos, seminários, práticas educativas escolares e comunitárias. Mulheres agricultoras que trabalham ativamente na feira de São Lourenço do Sul, administrando suas propriedades e a venda dos seus produtos. Mulheres quilombolas que por meio do artesanato resgatam suas raízes. Mulheres indígenas que se unem e se movimentam junto às mulheres indígenas de outras etnias. Mulheres pescadoras que lutam para ter e manter os mesmos direitos que os homens pescadores, como o seguro-defeso.

Nesse mesmo sentido, a pedagogia popular, numa perspectiva feminista tem nos inspirado a (re)criar espaços de trocas de saberes fecundos. A feminista argentina Cláudia Korol nos ensina:

Aspiramos a ser partes de una pedagogía popular que tienda a desorganizar las relaciones de poder con un sentido subversivo, revolucionario. Una pedagogía que parte de los cuerpos para pronunciar palabras, recuperando el valor de la subjetividad en la creación histórica, y criticando, una y otra vez, las certezas del punto de partida. Es una pedagogía que assume del marxismo su crítica del capitalismo y de la dominación, y su capacidad de volverse fuerza material en tanto filosofía de la praxis, metodología de análisis, guía para la acción; que asume de la teología de la liberación, la valoración de la mística en las luchas del pueblo, la crítica a una religión que oprime y refuerza la obediencia, y el intento de que las distintas religiosidades del pueblo puedan volverse fuerza material en las resistencias y en las emancipaciones; que retoma de los pueblos originarios su relación con la naturaleza.<sup>14</sup>

Desta forma, abordamos as contribuições das mulheres para um ambiente socialmente justo e de forma agroecológica. Para que mulheres conquistem espaços no mercado e nas políticas públicas, conquistando a autonomia, por meio de processos que não degradam o ambiente, mas o reconstrói, o faz fértil e diverso.

---

<sup>14</sup> KOROL, pag 18

## **A DIMENSÃO AGROECOLÓGICA DO SEMINÁRIO DAS MULHERES- DO CAMPO, DAS ÁGUAS, FLORESTAS E CIDADES**

O 4º Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades, que aconteceu em São Lourenço do Sul nos dias 12, 13, 14, e 15 de junho de 2019, teve grande impacto, tanto na comunidade acadêmica, quanto na comunidade lourenciana. Desde sua primeira edição, este encontro das mulheres de diferentes povos tradicionais, foi um marco na região Sul do Rio Grande do Sul. As mulheres que protagonizam e também contribuem na organização e realização do Seminário, tem relatado que nunca haviam tido uma experiência como essa, onde compartilham suas ideias, falam de suas realidades, dos problemas que enfrentam, e também dialogam com outras mulheres, conhecendo o quanto possuem em comum, e o quanto podem interagir, e se unirem para superar os problemas semelhantes que possuem em seus cotidianos, mesmo que sejam em comunidades distintas.

O evento contou com rodas de conversa, painéis, oficinas, cafés culturais, simpósios temáticos. Para abrir o Seminário após a mesa de abertura, houve o painel: *Comunidades Quilombolas, Territorialidades e Autonomia das Mulheres*, que contou com mulheres que são lideranças nas comunidades quilombolas de São Lourenço do Sul. Na sequência foi exibido o documentário *Mulheres Quilombolas-Identities, Vivências e Memórias*, que foi produzido com a parceria da FURG, FAPERGS e CNPQ.

O segundo dia iniciou com as apresentações de trabalhos acadêmicos nos simpósios temáticos, onde as estudantes da FURG e também de outras universidades puderam compartilhar seus trabalhos nos seguintes eixos, *(In) Visibilidade das Mulheres na Narrativa da História da Humanidade; Feminismos, Educação Popular e Agroecologia; Mulheres de Povos Tradicionais, Mulheres Negras e Educação; Interlocações Sobre Mulheres e Ciência nos Diversos Espaços Educativos; Mulheres e Trabalho: Participação e Representatividade.*

No mesmo dia a tarde houve o lançamento do livro *Mulheres em Marcha*, e após o lançamento teve o painel: *(Re) Existência, Autonomia e Auto Organização das Mulheres de Povos Tradicionais* que contou com lideranças de diferentes movimentos e a partir de suas histórias de luta e de vida, e

proporcionou reflexões e debates sobre os desafios já enfrentados e os que ainda precisamos enfrentar enquanto mulheres de povos tradicionais e de luta.

No segundo dia o painel *Mulheres em Marcha*, contou com a participação de representantes de diversos movimentos das mulheres, que utilizam das marchas como ato de empoderamento e emancipação, entre elas, a Marcha Mundial das Mulheres, a Marcha das Margaridas, a Marcha das Mulheres Negras, a Marcha das Mulheres Indígenas, além da representante do setor de gênero do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que também é atuante em diversas marchas. E para fechar a quinta feira ocorreu a roda de conversa *Desconstruindo Amélia: Protagonismos e Luta das Mulheres*, onde estiveram presentes várias mulheres dos movimentos sociais, sindicais, estudantes e das comunidades tradicionais.

O terceiro dia coincidiu com a Greve Nacional da Educação, e por essa razão, dedicamos esse dia a luta nas ruas. No quarto dia, em um sábado, ocorreram as seguintes oficinas: *Arte do Stencil Como Forma de Empoderamento; Reciclagem em Vidros; Conservando os Saberes; Fio a Fio; Por Que Minha Cor Te Incomoda Tanto; Mini Jardim; Saberes Populares e Saúde da Mulher; Tranças; Mulheres Esquecidas na Arte; Yoga; e a oficina e roda de conversa, Mulheres em Suas Fases e Ciclos.*

Nesse sentido, pensar a dimensão agroecológica presente no Seminário das Mulheres, implica pensar nesse espaço como um lugar de pensar estratégias de libertação das mulheres, com relação aos seus cativeiros. Marcela Lagarde y de los Ríos, antropóloga Mexicana nos explica que “las mujeres vivimos en cautiverio, pero ahí mismo vamos transformando nuestras vidas”<sup>15</sup>. Nesse sentido, a dimensão agroecológica também corresponde ao fato de juntas, conseguirmos romper com o patriarcado e os modelos de sociedade que nos exploram e oprimem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evento foi de grande importância, tanto para a formação dos estudantes, quanto para o protagonismo das mulheres das comunidades

---

<sup>15</sup> LAGARDE, 2005, p. 23



tradicionais. Contribuindo para reforçar e criar laços que favorecem a autonomia, a (re) existência e auto-organização das mulheres, que são caminhos para a emancipação através da ação coletiva.

O protagonismo dessas mulheres do campo, das águas, florestas e cidades, é uma das dimensões agroecológicas mais importantes do evento, afinal por muito tempo as mulheres estiveram à margem dos movimentos sociais do campo. Sendo assim, ter um espaço para essas mulheres se verem como líderes, militantes, agricultoras, é de extrema relevância para a agroecologia. Assim como, reconhecer e validar os conhecimentos dos povos tradicionais também faz parte da construção do conhecimento agroecológico, e também, das epistemologias latino-americanas, que são ambos, novos paradigmas do fazer científico.

## REFERÊNCIAS

- AMORÓS, Celia. **Hacia una Crítica de La Razón Patriarcal**. Barcelona: Anthropos, 1991.
- CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CIOMO, Regina Célia Di. **Ecofeminismo e a Educação Ambiental**. São Paulo: Cone Sul, 1999.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HIERRO, Graciela. Ética e Feminismo. In: **Textos universitários**. Universidad Autónoma de México: México, 1990.
- GARGALLO, Francesca. **Las ideas feministas Latinoamericanas**. Ediciones: fem-e-libros creatividad feminista. México, 2004. Disponível em: <[http://herbogeminis.com/IMG/pdf/ideas\\_feministas\\_latinoamericanas.pdf](http://herbogeminis.com/IMG/pdf/ideas_feministas_latinoamericanas.pdf)>. Acesso em setembro, 2019.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Democracia genérica**. Red Latinoamericana de Educación Popular entre Mujeres. REPEM. México: 1994.
- \_\_\_\_\_. **Los cautiverios de las mujeres: De madresposas, monjas, presas, putas y locas**. México: UNAM, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Pacto entre mujeres sororidad**. Aportes para el Debate: México. 2006, p. 123-135. Disponível em: <<https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf>>. Acesso em: setembro de 2019.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**: Florianópolis. 22 (3). Setembro-Dezembro, 2014.

\_\_\_\_\_. **Colonialidad y Género**. Revista de Humanidades Tabula Rasa. Nº 9. Julio-Diciembre, 2008. Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca. Bogotá, Colômbia.

**MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS**. História. Disponível em: "<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>". Acesso em: jun. 2019.

**MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES**. A Marcha. Disponível em: "<http://www.marchamundialdasmulheres.org.br/a-marcha/quem-somos/>". Acesso em: jun. 2019.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí**. Pedagogía feminista: una propuesta. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos; Programa Interdisciplinario de estudios de La Mujer, 2008.

PALUDO, Conceição (Organizadora). **Mulheres resistência e luta em defesa da vida**. São Leopoldo : CEBl, 2009.

PRIMAVESI, Ana Maria. **A convenção dos Ventos**. Agroecologia em Contos. Expressão Popular: São Paulo, 2016.

KOROL, Claudia (org<sup>a</sup>). **Hacia una pedagogía feminista**. Géneros y educación popular. Colección cuadernos de Educación Popular. Editorial El Colectivo/América Libre: Buenos Aires, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ROSA, Graziela Rinaldi da (org<sup>a</sup>). **Mulheres em Movimento**: perspectivas em educação, ativismo e empoderamento. Curitiba: Nova Práxis, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARDENBERG, C. Considerações introdutórias às Pedagogias Feministas. In: Costa, A. et al. (orgs.). **Ensino e gênero**: perspectivas transversais. Salvador: NEIM, 2011. p. 17-32.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SOUSA, Maria Antônia de. **Educação do Campo**: propostas e práticas pedagógicas do MST. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.